

## **Deleuze, drogas e literatura: o 'corpo sem órgãos' de William Burroughs**

Marcelo Romani Peccioli<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo faz conexões entre o pensamento do filósofo Gilles Deleuze, o agenciamento “drogas” e a escrita enquanto linha de fuga na obra de William Burroughs. Neste intuito, o trabalho divide-se em três partes. Primeiramente, apresenta-se um breve traçado sobre a cultura proibicionista e seus desdobramentos. Em seguida, a partir de algumas ponderações de Deleuze, a pesquisa dirige-se às drogas enquanto agenciamento, para então se aproximar de Burroughs, escritor conhecido por levar suas experimentações ao limite.

31

---

**Palavras-chave:** Drogas. Literatura. Linhas de fuga.

**Abstract:** The presente article does connectios beetween the philosophic thought of Gilles Deleuze, the drugs agency and the writing, as lines of escape at William Burroughs' work. Therefore, the article is divided in three parts. Firstly, a brief introduction of the prohibitionist culture and its development. After, from some Deleuze's comments, the research is guided to drugs' agency, to finally approach Burroughs, writer known by taking experimentation to the limit

**Keywords:** Drugs. Literature. Lines of escape.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Autor do livro “Assassinos de um coração solitário” (São Paulo: Córrego, 2015). E-mail: mrpeccioli@gmail.com

## Panorama macropolítico: drogas e a cultura da proibição

Naquele mundo de escuridão total a boca e os olhos formam um único órgão, capaz de projetar-se para morder com seus dentes transparentes...mas nenhum órgão tem função ou posição constantes... órgãos sexuais brotam por toda a parte... retos escancaram-se, defecam e fecham-se novamente... o organismo inteiro muda de dor e consistência em ajustes de frações de segundo...

*William Burroughs*

O uso de substâncias psicoativas faz parte da história da humanidade. O pesquisador espanhol Antonio Escohotado<sup>2</sup> (2002) salienta que, exceto em comunidades que habitavam zonas árticas desprovidas de vegetação, diversos grupos humanos, em diferentes épocas, fizeram uso de vários psicofármacos, seja para uso festivo, terapêutico ou sacramental. Por meio de um mecanismo puramente químico, sempre foi possível alterar a percepção ordinária do cotidiano. No decorrer da história, a partir dos avanços do capitalismo, as drogas passaram a ser produzidas em larga escala por laboratórios farmacêuticos e foram disseminadas nos grandes conglomerados urbanos. Contudo, a difusão das drogas na sociedade industrial despertou paulatinamente um discurso moralizador, capaz de valorar negativamente plantas milenares e substâncias químicas, assim como marginalizar condutas não enquadradas em um comportamento racional, considerado então único modo de se alcançar o “Bem”. Iniciou-se uma cruzada pela saúde mental e moral da humanidade, assim como um processo de demonização e marginalização dos drogados

Ainda no século XIX, a doença do vício foi elaborada pela psiquiatria. Primeiramente relacionada ao abuso do álcool, esta nova “doença” foi também diagnosticada em usuários de outras drogas, iniciando-se assim o processo de identificação dos usuários de drogas como uma pessoa doente, vítima de seu próprio vício. Estes usuários passaram a atrair para si, desde então, os dispositivos de controle sanitário e policial, tornando-se uma das questões mais complexas

---

<sup>2</sup> Antonio Espinosa Escohotado. Destacado ensaísta e professor universitário, cujo trabalho tem sido direcionado principalmente para os campos de direito, filosofia e sociologia. Ganhou notoriedade por causa de suas investigações sobre as drogas.

da atualidade. Pessoas que até o início desses novos diagnósticos não eram consideradas doentes, passaram a formar uma massa de anormais, dentro da sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault (2002), onde a psiquiatria emerge como grande poder normativo. Ao criar o conceito toxicomania e codificar o uso de drogas como transtorno ou doença, a psiquiatria situou o drogado como desviante, sobre o qual possuiria um saber e um tratamento, um discurso de verdade. Uma série de dispositivos de controle recairia sobre essas figuras a partir dessa codificação.

Projetava-se, dessa forma, a normatização e higienização da sociedade. Durante o século XX, aconteceram lutas intensas em torno da proibição e do sequestro da vontade dos indivíduos. O poder estatal lançou mão de dispositivos repressivos destinados aos usuários que se tornaram, ao mesmo tempo, um alvo da ação policial e também de proteção à saúde da população; reforçava-se assim o governo sobre a conduta individual.

No plano das políticas internacionais, a proibição das drogas convergiu com a expansão do imperialismo estadunidense. Ao se tornar uma grande potência mundial, o país chamou para si a responsabilidade pelo controle das drogas. Foi uma das primeiras nações do ocidente a proibir o seu consumo, chegando até mesmo a proibir o uso de álcool, por meio da Lei Seca, promulgada em 1919. Nesta experiência, houve a ascensão do crime organizado; as máfias expandiram-se e penetraram no próprio sistema judiciário, mostrando a lucratividade do lado ilegal da economia. Para Henrique Carneiro (2002), esta lei é uma prova histórica de como o mecanismo do proibicionismo cria uma alta demanda de investimentos em busca de lucros, estimulando a atividade do tráfico. A revogação da Lei Seca, em 1933, deu-se a partir de um reconhecimento dos danos causados pela proibição: injustiça e criminalização de grandes setores sociais, corrupção e a criação do crime organizado que, após a legalização de bebidas alcoólicas, possuía todos os aparatos e conhecimentos necessários para dar sequência às atividades ilícitas, mudando apenas seu produto.

No plano internacional<sup>3</sup>, os Estados Unidos capitanearam praticamente todas as convenções e conferências realizadas em torno do assunto. Utilizando-se

---

<sup>3</sup> Para aprofundar-se no tema da legislação internacional a respeito das drogas, além das pesquisas de Escotado e Henrique Carneiro, recomenda-se também *Política e Drogas nas Américas* (2004) do pesquisador Thiago Rodrigues, professor da UFF.

da sua força como grande potência mundial, o país pressionou outras nações para que adotassem as mesmas leis estadunidenses. Quando o uso de narcóticos foi enquadrado nas legislações nacionais como proibido, constituiu-se como matéria ao crescente juízo de valor que se fazia sobre o ato de dopar-se. Utilizar drogas tornou-se insuportável, originando uma feroz luta moral com suas respectivas idealizações de comportamento. Drogar-se passou a ser considerado um crime contra Deus, o Estado e a sociedade, tornando-se uma peste moral; voltou-se contra a droga um forte controle social. O exercício do controle baseia-se na concepção de que qualquer utilização de substâncias psicotrópicas prejudica forçosamente a saúde de seu usuário e necessariamente a dos demais, além de trair as esperanças morais que os cidadãos depositam no Estado, responsável por fomentar soluções sadias ao *stress* e à neurose da vida moderna.

O Estado chama para si a responsabilidade de cuidar dos sujeitos saudáveis e afastar os indesejáveis, policiando os verdadeiros costumes. Cabe a ele evitar, encarcerar e cuidar dos *drogadictos*, protegê-los do mal que causam a si e aos demais, assim como também deve punir aqueles que, atraídos pelas perspectivas de lucro mercantil, traficam as substâncias proibidas. Constitui-se, desse modo, um mercado clandestino extremamente violento, em que muitos governos e quase todas as polícias especializadas participam de modo suspeito, sendo o resto da população o público passivo do espetáculo.

Sendo assim, é preciso observar a estratégia de poder que está em jogo. Se as drogas possibilitam a alteração da percepção ordinária de nosso cotidiano, se podem constituir um meio para sentir e pensar de formas não convencionais, deve-se então considerar que estes veículos ilícitos da ebriedade são capazes de afetar o cotidiano, situado em um contexto no qual a vida se encontra cada vez mais teledirigida. Não se trata somente de um conflito sanitário, mas também um embate político; para o cidadão desse Estado, não está em jogo somente a sua saúde. Similarmente, há um determinado sistema de garantias jurídicas e, por sua vez, destaca-se certa tendência das legislações penais apartadas dos princípios gerais de direito: requer exército em áreas civis, presunção de culpa ao invés de inocência, validade para mecanismos de indução ao delito, suspensão da inviolabilidade de domicílio sem mandato de busca etc. O combate às drogas tem sido caracterizado como o desafio mais ostensivo assumido pelo Estado.

Se, por um lado, os Estados teocráticos sentiam-se legitimados para legislar sobre assuntos de consciência, possibilitando assim duras perseguições de caráter espiritual contra a heresia e o livre pensamento, os Estados pós-teocráticos mantêm o mesmo caráter. Ao longo de sua emergência, sempre houve perseguições de modo parecido: contra a conjuração comunista, sionista, burguesa etc. No entanto, até 1971, ano em que foi firmado o Convênio Internacional sobre substâncias psicotrópicas, a administração teocrática e a democrática não haviam estendido as faculdades do governo à vigilância da percepção ou do estado de ânimo. Mas, a partir desta convenção, o Estado assume essa supervisão em geral e por direito próprio, algo não ocorrido mesmo nos esquemas mais totalitários, pois estes reconheciam direitos subjetivos incompatíveis com uma tutela levada a tal extremo.

O que ocorre em matéria de drogas é uma exceção à regra que defende a autonomia e a vontade individual, baseada em motivos excepcionais. A proibição das drogas reforça o governo sobre a conduta individual, alicerçada na evolução de normas internacionais sobre essa matéria. A criminalização do desejo torna-se fundamental para a engrenagem do controle social movimentar-se. As drogas proporcionam ao Estado a manutenção da guerra permanente contra a sociedade. Ele se apropria da condenação moral às drogas e a reproduz, institucionalizando-a. Assim, o Estado recebe o aval para reprimir um mal com faces sociais e morais. Sequestra vontades e autonomias para interferir diretamente na vida.

Posicionar-se contra a proibição das drogas não se restringe à defesa da autonomia dos corpos. Trata-se, sobretudo, de se opor à um dispositivo responsável pela manutenção da guerra, pela corrupção do sistema político e judiciário, pela criminalização das camadas mais pobres e superpopulação carcerária, pela construção de um Estado policial que, através de suas políticas antidrogas aprimora e desenvolve novos dispositivos de controle sobre a população. As leis proibicionistas viabilizam o narcotráfico, desde a sua base, na qual se encontram os traficantes das grandes periferias, tornando-se frequentemente mais um número nas estatísticas de detenção ou morte, até o topo da pirâmide, onde se escondem os intocáveis senhores do tráfico. Indubitavelmente, o proibicionismo é um dos principais responsáveis legais pela atual crise carcerária que chega a seu ápice neste início de 2017, resultando no massacre de presos entre facções rivais, disputando ferozmente o controle do tráfico de entorpecentes dentro e fora dos presídios.

### Micropolítica: Deleuze e o agenciamento drogas

Friedrich Nietzsche (2005, p.10) destaca a necessidade de uma *Grande Saúde* para transitar por vários estados de corpo e realizar experimentações com o pensamento. A Grande Saúde não se relaciona com o ser saudável, tratando-se de não excluir a doença do campo de experimentação. Malgrado a proibição, existem resistências. Os experimentos com as drogas não cessam, gerando desterritorializações, fugas. Segundo o pensamento dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, p.9), um campo social não para de ser animado por toda espécie de movimentos de decodificação e de desterritorialização que afetam 'massas', segundo velocidades e andamentos diferentes. Linhas de fuga sem aspectos valorativos, que, no entanto, podem gerar novas reterritorializações; substituições de velhos códigos por outros. Linhas de vida e linhas de morte. Acompanhar esses movimentos faz parte de uma dimensão molecular da política, flexível, formada por múltiplos códigos que inibem qualquer concentricidade. Para os autores, trata-se de uma micropolítica. As sociedades comportam elementos *molares* (macropolítica, que faz referência ao dominante, ao que é vigente) e também *moleculares* (micropolítica, que faz referência ao que escapa, às linhas de fuga).

36

Deleuze e Guattari (1997a) situaram a experimentação das drogas como algo que modificou o mundo, tanto para aqueles que a fizeram como também para os que não a fizeram. Mudaram-se as coordenadas perceptivas do espaço e do tempo. Grande parte do discurso atual em torno do uso das drogas, relacionado às generalidades sobre o prazer e a infelicidade, problemas psíquicos, compulsão etc. impede que se dê conta deste agenciamento, a sua linha abstrata de causalidade específica ou criadora, sua linha de fuga e de desterritorialização. Os autores indicam que, a partir deste agenciamento, a experimentação substituiu a interpretação, o inconsciente se torna molecular, não figurativo e não simbólico. Dessa maneira, o inconsciente é dado às micropercepções. Ele está para ser feito, e não para ser reencontrado. Não há mais máquina dual consciência-inconsciente, porque o inconsciente é produzido quando a consciência é levada pelo plano. A droga dá ao inconsciente a imanência e o plano que a psicanálise repetidamente deixou escapar.

Tal agenciamento remete à aceleração ou desaceleração dos corpos: faz funcionar as loucas velocidades do uso e as prodigiosas lentidões do após-droga. Cada corpo, multiplicidades. Experimento que nos remete ao *Corpo sem Órgãos*

drogado, esquizo-experimental, tema abordado por Deleuze e Guattari (1996). Trata-se da construção de uma prática de vida que reverencia valores éticos e experimentais, diferentemente de uma vida codificada pelos valores morais vigentes da época. Uma experimentação política que atrai sobre si censura e repressão.

Gilles Deleuze (2009, p.164) questiona: por que não se bastar com a saúde, porque a fissura<sup>4</sup> se torna desejável? Diversas pessoas adentraram no “mundo de pecados” das drogas, produzindo modos de ser; seja para descrever cientificamente tais experimentos, seja para utilizar estados de percepções extraordinárias nas artes, ou para levar tal experimentação aos seus limites mais extremos.

É preciso interrogar-se sobre o *Corpo sem Órgãos* que se fabrica; qual é o seu tipo, por quais procedimentos e meios prenuncia o que vai acontecer. É preciso definir quais são as intensidades que, por ali, vão passar e circular. Há possibilidade de um uso de drogas em conformidade com o *plano de imanência*? Ou se trata de um uso suicida, uso fascista da droga? Estagnação, derrapagens?

Não existem garantias. Deleuze e Guattari levam em conta os perigos inerentes ao agenciamento droga. Fazer um *Corpo sem Órgãos* demanda prudência. O drogado tangencia o perigo de esvaziá-lo ao invés de preenchê-lo. Os dois pensadores franceses (1997a, p.80) destacam os perigos inerentes a tal experiência que podem levar à mais fria submissão, “um caminho conformista de uma pequena morte e um longo cansaço”. Corpos vitrificados; as desterritorializações permanecem relativas, compensadas por rígidas reterritorializações, de modo que o imperceptível e a percepção não param de correr um atrás do outro sem nunca acoplar-se de fato. Ao invés dos buracos do mundo permitirem que as próprias linhas do mundo fujam, as linhas de fuga enrolam-se e põem-se a rodopiar em buracos negros, cada drogado em seu buraco, como um caramujo. Linha de fuga que vira linha de abolição e de morte.

Para Deleuze<sup>5</sup>, há um momento em que se drogar torna-se perigoso demais, um estreito desfiladeiro. Quando acontece a inversão e o agenciamento

<sup>4</sup> Discorrendo sobre a obra *A Fissura*, de F. Fitzgerald, Deleuze (2009, p.157) destaca um acontecimento na superfície que sustenta um casal promissor, mas que, no entanto, observam que se passou algo, fazendo com que ambos se quebrassem como um prato ou um copo. Uma fissura imperceptível, planando sobre si.

<sup>5</sup> Deleuze fala sobre este tema em entrevista audiovisual concedida à jornalista Claire Parnet, *O abecedário de Gilles Deleuze*, na letra B, onde fala de bebida.

droga impede a produção, tornando-se o não produzir, exatamente neste ponto reside o perigo absoluto, devendo-se então abster-se do uso. Contudo, talvez seja possível perceber que, quando se pensava que o álcool ou a droga eram necessários, agora não são mais. O próprio pensador tinha a sensação de que o álcool o ajudava a fazer conceitos filosóficos. Depois, já não o ajudava e ele considerava que se colocava em perigo, sem vontade de trabalhar. Para ele, é o ponto onde se deve renunciar. Prudência necessária para chegar ao ponto no qual a questão não é mais drogar-se ou não; o ponto em que a droga tenha mudado suficientemente as condições gerais da percepção do espaço e do tempo, de modo que os não-drogados consigam passar pelos buracos do mundo e sobre as linhas de fuga, por outros meios que não a droga.

Diante de tantos perigos, retoma-se a questão de Deleuze: por que não se basta com a saúde, porque a fissura se torna desejável? De acordo com o autor,

... é porque, talvez, nunca pensamos a não ser por ela e sobre suas bordas e tudo o que foi bom e grande na humanidade entra e sai por ela, em pessoas prontas a se destruir a si mesmas e que é antes a morte do que a saúde que se nos propõem (...). Não se pode dizê-lo de antemão, é preciso arriscar permanecendo o mais tempo possível, não perder de vista a grande saúde. Não se apreende a verdade eterna do acontecimento a não ser que o acontecimento se inscreva também na carne; mas cada vez devemos duplicar esta efetuação dolorosa por uma contra-efetuação que a limita, a representa, a transfigura (DELEUZE, 2009, p.164).

A escrita literária se apresenta como forma de encontrar esta duplicação. Na relação literatura e drogas, escrever permitiu a muitos escritores não sucumbir perante as múltiplas experiências de desmoronamento, sendo escrever mesmo um devir. Dentre os escritores muito citados por Deleuze, ao longo de suas obras, encontra-se William Burroughs. Por ser um escritor que chamava muito mais a atenção pela sua vida marcada pelo abuso de drogas e suas preferências homossexuais, tópicos que, de fato, se faziam presente em sua obra, Burroughs acabou negligenciado em outros aspectos. Entrementes, foi em seus escritos que Gilles Deleuze encontrou o termo “sociedade de controle” para designar os dispositivos de dominação contemporâneos. Em seus livros, o autor estadunidense destacou o corpo como presa biológica disputada ferozmente pelos detentores de poder. Através de seus recortes, é possível identificar uma sensação de tédio ao crescente espírito consumista, fútil e conformado, assim como a sua constante preocupação

com os dispositivos de controle. Deleuze dividia com Burroughs a expectativa de trazer para a superfície os efeitos desterritorializantes das drogas sem necessariamente lançar mão delas:

Não podemos renunciar à esperança de que os efeitos da droga ou do álcool (suas “revelações”) poderão ser revividos e recuperados por si mesmos na superfície do mundo, independentemente do uso das substâncias, se as técnicas de alienação social que o determinam são convertidas em meios de exploração revolucionários. Burroughs escreve sobre esse ponto estranhas páginas que dão testemunho desta busca da grande Saúde, nossa maneira de ser piedosos: “Imaginaí que tudo o que se pode atingir por vias químicas é acessível por outros caminhos...” Metralhamento da superfície para transmutar o apunhalamento dos corpos, ó psicodelia (DELEUZE, 2009, p. 165).

### **A escrita de William Burroughs como linha de fuga**

Gilles Deleuze (1998) sempre reverenciou certa superioridade da literatura anglo-americana, cujo objetivo mais elevado era traçar *linhas de fuga*. Evidentemente, não se deve entender linhas de fuga como covardia ou renúncia às ações ou demais engajamentos. Esta fuga relaciona-se antes com o traçar linhas capazes de fazer todo um sistema vazar e arrastar o próprio mundo, rupturas irremissíveis onde o passado já não existe mais. Desterritorializações que levam à descoberta de novos mundos, outros possíveis. Deleuze cita uma série de escritores anglo-americanos, como Melville, Stevenson, Virginia Woolf, Henry Miller, dentre outros, como criadores de uma nova Terra onde tudo foge, mas fuga como produção de algo real, como criação de vida. O mesmo pode ser dito sobre William Burroughs.

Este escritor iniciou suas atividades literárias com a publicação de *Junky* (1953), livro autobiográfico sobre o cotidiano de um viciado em drogas. O escritor fora um dependente químico por excelência, submetendo-se a tratamentos para largar a droga até o final de sua vida. Sua narrativa linear não revela nenhum entusiasmo ou dramatização referente ao uso das drogas, são apenas descrições analíticas e céticas de suas experiências: a luta diária para garantir as doses necessárias; pequenos delitos cometidos para conseguir dinheiro, as passagens pela cadeia e as tentativas de fazer um tratamento de desintoxicação. Como um câncer que a sociedade expelle, diversas figuras são descritas no livro. Corpos macilentos e ossudos, com as veias marcadas, para os quais todas as outras atividades do cotidiano, como escovar os dentes ou trabalhar, são relegadas ao segundo plano. O

que realmente importa é fazer circular no corpo a *junk*<sup>6</sup>. Essa realidade é colocada friamente pelo autor, em plena década de 1950, na qual emergia uma histeria mundial em relação ao uso de certas drogas.

Tratava-se de uma busca que nos remete ao *Corpo sem Órgãos* drogado (DELEUZE; GUATTARI, 1996), no qual se escolhe a *junk* como intensidade para circular pelo corpo. A perspectiva ética que Deleuze e Guattari (2006) possuem do “Eterno Retorno” nietzschiano diz respeito a querer eternamente algo, e querer de modo tal que se está de acordo consigo mesmo, sem culpa. Não existe valoração neste querer. Uma vontade tão intensa que requer uma infinidade; senão, que se busque outra coisa. Deleuze fala sobre a construção de uma prática de vida, experimentada com referência a valores éticos, diferentemente de uma vida codificada pelos valores morais vigentes em cada época.

Entretanto, após o disparo incidental<sup>7</sup> com arma de fogo que culminou na morte de sua mulher, Joan Vollmer, o escritor volta-se completamente à escrita. Experiência que desapossa o sujeito de si e do mundo que pensa dominar. Durante o ano de publicação do livro *Junky*, Burroughs encontrava-se desnorreado, em constante deslocamento; problemas com a justiça não permitiam que vivesse nas cidades de sua preferência. Com o auxílio financeiro de seus pais, no final de 1954, o escritor optou por passar um período em Tanger, no Marrocos, onde morou por quatro anos. Nesta cidade, sobre a influência de uma maconha fortificada conhecida como *majoun* e um remédio opiáceo de origem alemã, *Eukodol*, ele mergulhou na atividade literária. Emergia em Burroughs a necessidade de fazer a sua fuga; uma fuga ativa que não poderia ser confundida tão somente com um processo sombrio de demolição, capaz de arrastar para sempre o escritor aos buracos negros, à autodestruição. Fosse apenas o abuso de drogas e William Burroughs seria mais um dependente químico fechado como um caracol. Era preciso escrever.

---

<sup>6</sup> “Literalmente: porcaria, refugio. É um termo genérico para diversos medicamentos e substâncias relacionadas ao ópio, o extrato da papoula. Têm em comum propriedades narcóticas, analgésicas e hipnóticas. Seus derivados mais puros, extraídos diretamente da papoula, são conhecidos como opiáceos (ex: morfina). Quando resultam de modificações parciais, são chamados de opiáceos semi-sintéticos (ex: heroína), enquanto compostos sintéticos de ação semelhante à do ópio são conhecidos como opiáceos sintéticos ou opióides (ex: metadona). *Junky* é o usuário da *junk*.” (BURROUGHS, 2005, p. 10)

<sup>7</sup> Burroughs e Joan estavam embriagados em uma festa quando resolveram copiar o ato de William Tell, porém com a mulher equilibrando um copo de água sobre a cabeça enquanto o escritor apontava a sua arma para este. O disparo atingiu o crânio de Joan Vollmer, que não resistiu ao ferimento e morreu, aos 28 anos.

Terrivelmente, sou forçado a concluir que jamais teria me tornado um escritor se não fosse a morte de Joan, evento que motivou e formulou a minha escrita. Eu vivo com a constante ameaça de posse e uma necessidade constante de escapar da posse e do controle. Assim, a morte de Joan me trouxe em contato com o invasor, o Espírito Feio, manobrando-me para uma batalha ao decorrer da minha vida, na qual eu não tinha escolha a não ser escrever a minha saída (BURROUGHS, 1985, p. XXIII).

De acordo com Deleuze (1998), escrever está intimamente ligado com traçar linhas de fuga capazes de nos arrastar, a própria escritura nos engaja nelas, nos torna outro, nos conecta às *minorias*. Escrever é ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos. Para uma literatura experimental, é preciso uma vida experimental, e sobre as linhas de fuga só pode haver a experimentação-vida. Experimentar-se exige um ato de coragem e liberações, sem que haja quaisquer garantias.

Para encontrar a sua saída, Burroughs escreveu uma série de textos que, posteriormente, deram origem a uma de suas obras mais marcantes, *Almoço Nu* (1959). Neste livro, seu autor muda radicalmente de estilo, utilizando a técnica *cut-up*<sup>8</sup> para escrever um texto não linear, criando um redemoinho de imagens e situações. O autor já não se interessa mais em descrever o seu cotidiano como um sujeito, preocupa-se muito mais em verter para fora os próprios devaneios. Dissolução do sujeito e a liberação de multiplicidades, Burroughs conquista um deserto percorrido pelas mais distintas tribos nômades: piratas urbanos, políticos mafiosos, burocratas viciados e répteis alienígenas que consomem humanos.

O escritor fez do corpo uma arena para testar as mais extravagantes experimentações, situando a condição humana como um objeto de constante reinvenção, capaz de atravessar a sua delimitação. Burroughs construía o seu *Corpo sem Órgãos*:

Não é mais um organismo que funciona, mas um CsO que se constrói. Não são mais atos a serem explicados, sonhos ou fantasmas a serem interpretados, recordações de infância a serem lembradas.

<sup>8</sup> Burroughs, juntamente com seu amigo, o pintor e escritor Brion Gysin, desenvolveu este método *cut-up* como forma de intertextualidade; método que se originou em meados da década de 1950 e que o escritor utilizaria até os anos de 1970. A técnica, de inspiração cubista e dadaísta, consistia em cortar tiras de textos com fontes variadas para, em sequência, justapô-las com textos de sua autoria, reescrevendo o resultado. Burroughs acredita no método *cut-up* como uma forma de embaralhar e anular as sequências de associação produzidas pela mídia de massa. Uma vez que, para ele, esse tipo de controle assegura-se estabelecendo sequências de associação, o método possibilita que se quebrem estes laços, ao cortar estas sequências.

Palavras para significar, mas cores e sons, devires e intensidades (...). Não é mais um Eu que sente, age e se lembra, é “uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio” que tem afectos e experimenta movimentos, velocidades (DELEUZE ; GUATTARI, 1996, p. 25).

O *Corpo sem Órgãos* se desfaz do rosto para liberar multiplicidades, traçar linhas de devir. William Burroughs rompe com o estrato do sujeito para se tornar uma zona intensiva, que se faz sentir ao longo de sua obra como vida, de sua vida como obra, demolindo as noções de identidade:

O É da Identidade. Tu és um animal. Tu és um corpo. Ora, sejas tu o que fores, não és um animal, não és um corpo, porque isso são rótulos verbais. O É da identidade compreende sempre a implicação disso e de mais nada e compreende também a afetação de uma condição permanente. Permanecer assim. Toda a apelação pressupõe o É da identidade [...]. Quando digo ser eu, ser tu, ser eu próprio, ser os outros – o que quer que seja que me peçam que seja ou diga que sou – eu não sou o rótulo “eu próprio”. Não posso ser e não sou o rótulo verbal “eu próprio” (BURROUGHS, 1994, p. 88).

Gilles Deleuze (1997) também destaca outra questão importante na literatura anglo-americana. De acordo com o pensador, desde antes da independência do país, os estadunidenses pensavam nas formas de constituir um universo de irmãos, uma federação de homens, um projeto que viria a se constituir como uma sociedade dos camaradas, sonho revolucionário americano. Apesar de ser um sonho malgrado, antes mesmo da sociedade soviética, esta ideia impregnou a cartografia da literatura estadunidense. Inspirações de Jefferson, Thoreau, Melville, Whitman, dentre outros. Deleuze cita Lawrence para falar sobre o aporte democrático da literatura americana e sua renúncia à moral europeia de salvação e caridade. Para eles, a moral da vida só poderia realizar-se na estrada, esquivando-se de qualquer autoritarismo ou caridade, formando conexões entre iguais em acordos para práticas de liberdade. “Necessita-se de uma comunidade nova, cujos membros sejam capazes de “confiança”, quer dizer, dessa crença neles mesmos, no mundo e no devir” (DELEUZE, 1997, p.115).

Esta camaradagem constituía-se como um encontro com o Fora, “uma caminhada das almas ao ar livre, na grande-estrada”. Deleuze reforça como esta relação de camaradagem adquiriu um caráter político e nacional nos Estados Unidos. A partir destas considerações, pode-se compreender melhor os fortes

laços de amizade que conectavam os membros da geração *beat*, grupo no qual William Burroughs exerceu forte influência, sendo um de seus membros mais proeminentes, ao lado de Allen Ginsberg e Jack Kerouak. Para este último, a geração *beat* era composta por alguns poucos que se voltavam contra a máquina do *american way of life*, experimentando com drogas o desarranjo dos sentidos e profetizando um novo estilo, uma Nova Visão que seria posteriormente incorporada pelo movimento de contracultura estadunidense.

O que tornava possível a aliança entre os escritores era o duplo movimento de não apenas considerarem falidos o sistema de valores de sua sociedade e seus ideais, mas também de buscarem seus próprios valores e suas próprias ideias. Tratava-se de um experimento estético; ético, por se desvencilhar de valores coercitivos oriundos da rígida moral puritana estadunidense e aplicar a si valores facultativos, experimentais. Relacionava-se a buscar o modo “bom” de existência espinosiano, no qual há um esforço para organizar os encontros com outros corpos que possam expandir a própria potência, seja a estrada, as drogas ou os amigos, visto que a amizade possuía um papel fundamental entre os *beats*; a sua literatura é marcada por esse tema; as suas afetuosidades inerentes, misturadas com as diversas ideias e pensamentos de cada um desses autores, como a paixão pelas drogas, experimentos estéticos e a fascinação pelos sonhos.

A conexão afetiva entre os escritores foi primordial para William Burroughs concluir *Almoço Nu*. Ao longo de nove anos tumultuados da vida de Burroughs, este livro foi editado e reeditado diversas vezes, não apenas por seu autor, mas também por Jack Kerouac e Allen Ginsberg. A cada dia, o escritor escrevia mais e a obra tomava diferentes rumos, sendo praticamente impossível gerenciar o caos de páginas datilografadas e escritas à mão que se acumulavam em seu quarto no hotel de Tanger. Durante a primavera de 1956, o escritor se encontrava no ápice mais lamentável de sua dependência química. Sem os amigos *beats*, Burroughs jamais conseguiria organizar o material para finalmente publicá-lo. A cada reedição, seus editores encontravam novos materiais que haviam se perdido, o que faz de *Almoço Nu*, por sua própria natureza, um livro que resiste ao conceito de um texto fixo.

*Almoço Nu* foi publicado pela primeira vez em Paris, no ano de 1959. O livro só ganhou uma edição completa no país de seu autor no ano de 1962, devido às acusações de obscenidades. Alguns estados estadunidenses censuraram o livro

até o ano de 1966, quando após intensa batalha jurídica, conquistou o direito de circulação, sendo um marco para o final da censura aberta a obras literárias nos EUA. Após a publicação, o livro se tornou gradativamente notório não só pelos membros da nascente contracultura dos anos de 1960, mas também por críticos literários proeminentes. Os manuscritos que originaram este livro produziram posteriormente *The Soft Machine* (1961), *The Ticket That Exploded* (1962), e *Nova Express* (1963). Os três romances apresentam uma utilização ampla do método *cut-up*.

A obra *Almoço Nu* recebeu muitos adendos em edições posteriores, sendo muitos em torno das drogas como tema. O autor anexou ao livro uma carta redigida em 1956, *Cartas de um Perito no Vício em Drogas Perigosas*, na qual expõe todo o seu conhecimento baseado em suas experiências com as mais diversas drogas dos mais diversos grupos: depressoras, alucinógenas e estimulantes. Fala sobre efeitos, níveis de dependência, prejuízos etc., como um sintomatologista que descreve as doenças, porém as suas descrições são baseadas em suas próprias experiências.

Em *Depoimento: Testemunho Acerca de uma Doença* (1960), o escritor fala sobre a sua dependência física em torno da *junk*, destacando principalmente o que ele entende como dependência e a distinção das diferentes drogas:

Quando falo de dependência de drogas, não estou me referindo a keif, maconha ou qualquer mistura de haxixe, mescalina, *banisteriopsis caapi*, LSD6, Cogumelos Sagrados ou qualquer droga do grupo dos alucinógenos... Não existe evidência alguma de que o uso de qualquer alucinógeno cause dependência física. Em termos fisiológicos, a ação dessas drogas é oposta à da *junk*. Por conta do zelo exagerado dos departamentos de narcóticos dos Estados Unidos e de outros países, surgiu uma confusão lamentável entre essas duas categorias de drogas (BURROUGHS, 2005, p. 246).

No artigo, o autor ainda discorre sobre o tráfico, a potencialidade da *junk* como mercadoria suprema: “o cliente se arrastará pelo meio do esgoto implorando uma chance de comprar... o vendedor de *junk* não vende seu produto ao consumidor; vende o consumidor ao seu produto” (BURROUGHS, 2005, p. 247). Discute formas de erradicar o tráfico, o que para ele só poderá ser possível se não houver dependentes em *junk*, discutindo métodos mais válidos para se livrar da dependência física.

Em *Pós-escrito... Você Não Faria o Mesmo?* (2005), o escritor faz uma abordagem sobre o porquê do mundo *junky*, discorrendo sobre o circuito que ela aciona:

*Junkies* vivem se queixando do Frio, como gostam de dizer, erguendo as lapelas de seus casacos negros e encolhendo seus pescoços enrugados...conversa fiada de *junky*. Um junky não quer estar quentinho, quer ficar frio – bem frio – GELADO. Mas seu desejo pelo Frio é como seu desejo pela *Junk* – não o quer DO LADO DE FORA, onde não lhe adianta nada, mas DO LADO DE DENTRO (...). Assim é a vida na Velha Casa de Gelo, por que ficar andando por aí, perdendo TEMPO? (BURROUGHS, 2005, p. 254).

Tal citação foi apropriada por Deleuze e Guattari para se referir ao *Corpo sem Órgãos* drogado, esquizo experimental. Para os pensadores franceses (1996, p. 13), trata-se da construção de um *Corpo sem Órgãos* drogado que se abre para as intensidades do frio, ondas geladas. A busca pelo metabolismo que se aproxima do zero absoluto. O *Corpo sem Órgãos* é o campo de imanência do desejo; e o *Corpo Sem Órgãos* drogado é produzido a partir das intensidades específicas deste frio.

Burroughs não está interessado em descrever problemas familiares de infância ou quaisquer outros traumas para justificar a sua escolha pela droga, respostas que tanto excitam os mais diversos psicanalistas que desejam ver o uso da droga como relacionado a uma causalidade edipiana. Construir um *Corpo sem Órgãos*. Romper com o *plano de organização* e arrebentar os estratos que impedem o alcance do *plano de consistência*. A conquista do inconsciente. O experimento estético de Burroughs constitui-se como um movimento liberador, capaz de gerar modos de vida cujas expressões reverberam no campo da arte ou em comportamento desviantes. Nota-se a impossibilidade de domesticação completa ou de um controle definitivo. Escritor *máquina de guerra*:

... seria antes como a multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose. Desata o liame assim como trai o pacto. Faz valer um furor contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma máquina contra o aparelho (...). Dá provas, sobretudo, de outras relações com as mulheres, com os animais, pois vive cada coisa em relações de devir, em vez de operar repartições binárias entre “estados” (...). Sob todos os aspectos, a máquina de guerra é de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem que o aparelho de Estado (DELEUZE; GUATARI, 1997b, p. 12-13).

William Burroughs deixou como legado uma vasta produção literária, além de muitas informações sobre as drogas, a partir do ponto de vista de quem tangenciou o próprio limite dentro de suas experimentações. Entretanto, sua

produção foi negligenciada por aqueles que discutem o assunto na saúde pública, deixando de fora os escritos de quem mergulhou e emergiu diversas vezes durante a própria vida.

## Referências

BURROUGHS, William. **Almoço nu**. Tradução de Daniel Pellizzari. Rio de Janeiro, Ediouro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Junky**. Tradução de Reinaldo Moraes. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Queer**. Nova York, Viking Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **A revolução eletrônica**. Tradução de Maria Leonor Teles e José Augusto Mourão. Lisboa, Passagens, 1994.

CARNEIRO, Henrique. "As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX". In Revista Outubro, IES, São Paulo, vol. 6, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **A lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **A ilha deserta**. Organização e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik. Rio de Janeiro, ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo, ed. 34, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, ed. 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escuta, 1998.

ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. Madrid, Espanã, 2005.

FOUCAULT, Michael. **Os Anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. Das Letras, 2005.